

THE DEATHBLOW | POR ROLAND ROTTENFUSSER

Posted on 5. November 2020

Os governantes estão a transformar o estado de emergência num estado permanente - vamos ripostar agora, caso contrário, a liberdade e a democracia passarão à história.

Um ponto de vista de Roland Rottenfußer.

O governo está mais uma vez a apertar as rédeas e decidiu um novo bloqueio - supostamente "leve", como se fosse queijo de coalhada com baixo teor de gordura. Sinaliza que a loucura organizada é muito séria. O nosso estágio de provador como cidadãos de uma ditadura está a ser convertido numa posição permanente. Continuaremos a ser governados com medo e os nossos direitos de liberdade serão cerceados. No processo, seremos ritmados e misericordiosamente afrouxados, seremos mantidos em linha com aperitivos finamente doseados de esperança. A liberdade existe sempre apenas em antecipação da sua possível restrição em qualquer altura. Uma liberdade de circulação reduzida e restrita sujeita ao vírus. No limiar de uma nova era global de despotismo, temos de tomar uma decisão agora: Será que queremos a maior protecção possível contra o risco de morte ao preço de levar uma vida essencialmente sem vida? A forma como escolhemos é também uma questão de coragem. Pois a liberdade e a vivacidade nunca estão completamente sem risco - como tudo o que é realmente de valor.

"Grupos de pessoas celebrando são inaceitáveis", disse Angela Merkel com a boca apertada e obviamente lutando com a gravidade da sua decisão. E Karl Lauterbach, o dementor do SPD, cujo carisma engole toda a alegria de viver e confiança como um buraco negro, tornou-se mais claro: "A inviolabilidade do lar não deve continuar a ser um argumento para a falta de controlos.

Não há mais paragens no caminho inclinado para o despotismo em que a Alemanha e muitos países do mundo se encontram. Temos de encarar os factos: O poder neste país é detido por um grupo de putchistas de mente semelhante - um meio muito afastado da liberdade, que parece estar extremamente determinado a completar o seu trabalho destrutivo na nossa democracia. Para eles já não há qualquer medida e quase nenhum tabu. A dignidade humana não deve continuar a ser um argumento a favor da ausência de humilhação, se se pudesse continuar a girar o ditame de Lauterbach. Temos de contrariar estes acontecimentos com um "não" inequívoco. Grupos de frases de políticos são inaceitáveis.

Os poderosos, agora abertamente cuspem na nossa cara o seu desprezo pela nossa dignidade e a nossa autodeterminação. Por exemplo, quando tanto Merkel como Söder falam de "apertar as rédeas". Estes políticos tratam-nos a nós cidadãos como animais de quinta que precisam de ser treinados - ou melhor: da mesma forma que os animais nunca devem ser tratados. Sentimos as rédeas cada vez mais apertadas, e os nossos flancos já estão a sangrar sob as suas esporas. Vamos rebelar-nos, vamos expulsar estes maus cavaleiros! Vivamos desenfreados e apenas limitados por uma ética natural, o que sugere que mostremos consideração pelos doentes e fracos!

Uma política da boca puxada para baixo

Esta "autoridade" tornou-se demasiado ousada em muitos aspectos, comporta-se de forma arrogante e cada vez mais assediante para connosco. O canto puxado para baixo da boca de um sorriso iluminado já me saúda quando entro numa aldeia com 51 km/h. A uma velocidade aumentada em 6 km/h, recebo um belo aviso em pomposo legalês - com uma foto minha tirada sem o meu consentimento.

É proibido urinar fora, mesmo na floresta - muitas pessoas simplesmente não sabem disto porque tais "ofensas" são difíceis de controlar. Há uma semana atrás o meu estado determinou que já não são 3 horas, mas sim 2 horas. Em certos lugares ordena-me que ponha um trapo na cara, mesmo em ar fresco e quando ninguém está por perto. A partir das 22 horas, em muitos lugares é proibido beber cerveja, mas é permitido beber limonada. Espera, essa continua a ser a velha regra: a partir de Novembro, é crime os senhorios servirem qualquer coisa - mesmo limonada. Se eles violarem esta regra, serão tratados como criminosos.

O canto arrastado da boca de uma milha gigante na berma da estrada tornou-se o símbolo deste estado arrogante, que na realidade nunca somos suficientemente dóceis para tal. O que foi completamente esquecido é que na realidade são os "representantes do povo" que têm de nos dar provas e procurar a nossa aprovação. No entanto, esta regra básica de uma autoconfiança cívica saudável foi esquecida não só por aqueles que estão no poder, mas também por aqueles que estão no governo.

Na realidade, somos tratados como se fôssemos bonecos que podem ser arrastados aqui e ali ou trancados no armário durante semanas à vontade.

Nem sequer nos perguntaram se estávamos de acordo com tudo isto. As sondagens de opinião vêm sempre a seguir, e acabam sempre por estar em sintonia com a acção governamental.

Com a aproximação do nono mês da crise, a casta política grávida da ditadura vai agora dar à luz um monstro, e seremos confrontados com um verdadeiro tumulto repressivo. O pior é que a maioria das pessoas começa a habituar-se a isso. A pergunta mais importante que as pessoas realmente inteligentes estão a fazer nas suas mentes neste momento é: "Que mais posso eu fazer?" E a palavra "mais" já implica a contínua contracção deste domínio do que é permitido. Já experimentei que um parente perguntou ansiosamente semanas antes do novo encerramento: "É realmente permitido sair para a rua depois das 21 horas? Ele deve ter confundido o recolher obrigatório com o recolher obrigatório.

Política que ofende e adoece as pessoas

O que é que os criadores de regras tão excessivamente zelosos não conseguem de todo: Os adultos podem não estar tão interessados no que eles - os políticos e as autoridades - podem querer deles e na forma como julgam o nosso comportamento. Mas eles impõem-nos embaraçosamente as suas opiniões e exigências a toda a hora.

Devem deixar-nos em paz e fazer o seu trabalho - ou seja: resolver as tarefas que realmente importam. Isto inclui certamente ajudar a moldar as condições de enquadramento para uma boa "saúde pública". Mas o oposto está a acontecer: Esta política faz com que as pessoas adoçam - especialmente na alma. Milhões de pessoas já sentem isto, desde que tenham acesso aos seus sentimentos. Uma política rígida e autoritária faz adoecer as pessoas porque ofende. Porque priva as pessoas da sua dignidade e autodeterminação e as obriga a uma situação de grande impotência.

Podemos ver pelos acontecimentos em torno do "segundo encerramento" o que está agora reservado e o que nós próprios julgámos mal. É frequentemente banalizada como uma "luz de bloqueio" porque as crianças ainda estão na escola e os trabalhadores são "autorizados" a ir para o trabalho. Tendo em conta as máscaras e os catálogos de regras e regulamentos que estão a estrangular o ar, seria melhor dizer: têm de ir.

Algumas das ideias ilusórias que têm circulado ao longo dos últimos nove meses devem agora ser revistas. E não culpo ninguém se cometeram um erro sobre a situação corona - especialmente na fase inicial. A situação era confusa, o futuro difícil de prever, e mesmo eu não teria sido capaz - embora tenha certamente consumido várias centenas de artigos e vídeos sobre o assunto - de prever tudo o que aconteceu até agora.

O erro dos trivializadores

As interpretações triviais dos acontecimentos devem ser abandonadas. Em Março e Abril, foi frequentemente dito que as invasões aos direitos fundamentais eram irritantes mas aceitáveis por um curto período de tempo, tendo em conta a situação perigosa. Em primeiro lugar, era preciso ceder, mas ao fazê-lo era preciso estar atento aos poderosos para que as tendências ditatoriais que se tinham tornado visíveis não se tornassem arraigadas. Bem, as tendências estabilizaram-se, não há fim à vista, e a maioria dos que eram politicamente indecisos na altura não se rebelaram seriamente nem na fase inicial nem na fase avançada do desmantelamento dos direitos fundamentais. A coisa certa a fazer teria sido dar uma oposição muito clara e muito veemente desde o início.

Se todos tivessem dito o que pensavam de todo o caso, independentemente dos possíveis ventos de proa, uma dinâmica desfavorável não teria sido capaz de se desenvolver em primeiro lugar. Basta pensar no silêncio opressivo da maioria dos artistas e celebridades, bem como de praticamente toda a oposição às restrições aos direitos fundamentais, o que desencorajava ainda mais os potenciais manifestantes. O clima geral vergonhoso de opinião, que foi leal ao governo e exerceu uma enorme pressão de pares sobre os dissidentes, fez com que quase todos aqueles que não podiam concordar livremente com a narrativa dominante se sentissem compelidos a pelo menos fingir concordar.

Temos de desistir da esperança de que o problema se resolva em breve, porque o nosso político tem a integridade no seu cerne e a democracia está, de um modo geral, intacta. Na melhor das hipóteses, a tão desejada vacina poderia proporcionar alívio a este respeito - mas a um preço de saúde elevado.

Narrações espirituais do tipo "Achei o encerramento bastante bem, finalmente tive tempo para me acalmar. Este Outono e Inverno é o fim da diversão, existe a ameaça de uma grande depressão colectiva, que por sua

vez enfraquecerá os poderes de resistência no duplo sentido da palavra e talvez por esta mesma razão será aceite pelos que estão no poder.

A liberdade como prémio pela docilidade

Poderíamos viver um Natal negro, envenenado pelas proibições da lei e da ordem - ou pelo "afrouxamento" que nos é concedido em nome da misericórdia. A liberdade - e mesmo esta apenas parcialmente - é assim transformada de uma questão natural para um prémio por docilidade, que é atirado para as pessoas sob reserva, tal como colocar um mimo na boca de amigos de quatro patas numa escola de cães, quando eles têm sido bons. A luz no fim do túnel são possíveis "instalações de detenção" no Natal.

Enquanto os dias se tornam mais curtos e a luz diminui análoga à liberdade e alegria de viver, aqueles que a ela estão sujeitos devem aguardar com expectativa o Christkindl, a fim de se aguentarem por mais algum tempo.

Na quadra natalícia, os cidadãos podiam agora receber o extraordinário favor de "serem autorizados" a conhecer os membros da família. Merkel e os seus arredores farão então certamente uso da metáfora da "luz na escuridão" numa grandiosa simulação de calor calor humano, que os fabricantes de vacinas irão proclamar às pessoas sedentas de salvação no seguimento de Jesus. Mas para que se chegue a isto, é preciso primeiro ficar parado por algum tempo. E mesmo que deva haver algum relaxamento - apenas em pequenos pedaços, claro - então mais uma vez isto só é possível sob reserva. Até que a terceira vaga esteja inevitavelmente à porta.

Que as quebras entre os maltratos são, de certa forma, mais difíceis de suportar do que os próprios maltratos, Reinhard Mey pôs em palavras grandiosas na sua canção "Irgendein Depp fura em algum lugar sempre".

Mas o teste mais difícil para a psique e para os ouvidos
É o silêncio agonizante de repente após a perfuração,

O conhecimento de que pode recomeçar a qualquer momento

Ou não, oh, que a dúvida é apenas uma ruptura de nervos.

Basta ouvir o seu pulso, prender a respiração, e bater

Espere rigidamente - por vezes durante dias!

Porque a perfuração é má, mas não perfurar é pior.

O silêncio antes do tiro

Desta forma, o governo mantém-nos atentos e em alerta mesmo durante as quebras de segurança relativamente permissivas - aliás, esta é uma definição de stress extremamente prejudicial para a saúde e o sistema imunitário. Após a restrição dos direitos fundamentais é sempre antes da restrição dos direitos fundamentais. Não haverá mais um período calmo - mesmo supondo que a situação melhore na próxima Primavera - durante o qual nos podemos sentir seguros em termos de liberdades civis. Se, mesmo no Verão de 2020, que passou em grande parte sem a morte da coroa e parecia iludir mesmo os esforços mais extenuantes para construir o país, os direitos fundamentais poderiam ser restringidos sem qualquer resistência significativa, então será possível fazê-lo novamente em qualquer altura.

A situação não se tornará mais inofensiva durante muitos meses. Os vírus e outros perigos para a saúde sempre existiram e sempre existirão, incluindo pretextos para ataques à liberdade, desde que exista vontade política para eles. As infecções e, infelizmente, as mortes também são sempre de esperar. No entanto, no contexto da nova agenda política, a norma virológica - um pouco inflacionada pelos meios de comunicação - impedirá que a liberdade impulsionada a partir do nosso país volte a ganhar aqui uma nova posição. Isto já é assegurado pelas possíveis ondas de gripe ou - o que também pode ocorrer - ameaças à saúde um pouco acima da média.

"E já não serão livres para toda a vida", disse Hitler, quando delineou num discurso o curriculum vitae típico de um cidadão, incluindo a filiação na Juventude Hitleriana, na Wehrmacht e nos partidos políticos. Por favor, não se retraia com a ideia de que estou a banalizar o "Terceiro Reich". Estou bem ciente das diferenças em relação aos dias de hoje. Mas deixe que esta visão lhe chegue por um momento em toda a sua

violência opressiva:

Podemos já não ser livres durante toda a nossa vida.

Muitos de nós podem ter décadas de assédio, terror através de um staccato de mensagens de medo, cobertura facial, vigilância total e envenenamento por medicação forçada e vacinação, antes de se aperceberem no leito de morte que mal vivemos. Na melhor das hipóteses antes do ano 2020.

Liberdade sob reserva do vírus

Não tem de ser desta forma. Estou até a notar nos meios de comunicação social e nos partidos que há um maior mal-estar do que antes em relação às novas medidas rígidas. Sinto como pessoas "normais", que certamente não são leitores dos meios de comunicação alternativos, falam muito bem informadas e críticas sobre a Corona - mesmo que a narrativa "Ainda vivemos numa democracia" ainda seja forte nestes círculos.

Mas também experimento como "rituais de higiene", cobardia moral e a mentalidade de polícia de lazer se estão a tornar um hábito entre a população. Mesmo na fase avançada de um cansaço corona desenfreado, as rédeas ainda estão apertadas em alguns lugares, os oportunistas corona tornam-se mais radicais e intolerantes. Talvez isto também possa ser interpretado como uma defesa contra um impulso de resistência suprimido dentro de si mesmos, que lutam vicariamente sob a forma dos "negadores corona".

A causa da liberdade é Spitz num botão. Estamos exaustos e no entanto temos de continuar a lutar, especialmente agora. A longo prazo, um declínio da energia de resistência é susceptível de vingar, porque então seremos confrontados com coisas ainda mais insuportáveis que nos cansarão e enfraquecerão ainda mais.

O que se avizinha pode não ser uma ditadura completamente completa que seja claramente reconhecível como tal. Será antes uma dança frágil entre liberdade e despotismo, na qual por vezes uma ou outra força é empurrada para a frente, mas ambas permanecem sempre na pista de dança. Se as medidas forem mais uma vez "soltas" - teremos de lidar com uma liberdade sob reserva e sob a espada de Dâmocles da sua sempre

possível revogação.

É preciso lembrar que não poderemos refutar todos os argumentos que dizem que se pode adoecer com Covid-19 e outros vírus e morrer - embora com uma probabilidade mais baixa. Não importa quantos artigos "cépticos" recolhemos ou produzimos nós próprios - permanece uma incerteza residual. Mas isto também se aplica a todas as outras potenciais ameaças sanitárias a que estamos permanentemente expostos e muitas das quais são mais perigosas do que o Covid-19, só que aparentemente menos adequadas para os meios de comunicação social.

Estamos sempre em perigo

Viver significa viver com diferentes tipos de ameaças. Significa, no entanto, recuperar a felicidade e a leveza que também são inerentes ao nosso ser como potencial, sempre de novo, cheio de coragem e confiança.

Nesta bifurcação na estrada, temos de decidir como queremos viver.

O pressuposto de que a Corona é completamente inofensiva só poderia ser uma forma de evasão a esta decisão. A questão é antes: com quanto perigo queremos e podemos viver antes de fugir para uma forma de existência como sujeitos completamente incapacitados? Em qualquer caso, não se pode esperar que aqueles que estão no poder nos dêem uma ajuda sensata com esta decisão. Eles prosseguem a sua própria agenda, que está em grande parte desligada do nosso bem-estar.

Devemos também estar conscientes de que as decisões que tomamos - por exemplo, tomar pontos de vista "corona-cépticos" em público ou tomar muitas pessoas contra as "regras" - podem ter um impacto na saúde de outras pessoas. 40 ou 80 "sobre e com Corona falecida" é muito. Mesmo que isto esteja longe das cerca de 300 mortes diárias da "Primeira Onda". E mesmo que a maioria deles tenha morrido "com" e não "em" Corona, e mesmo que a maioria deles fossem muito velhos e de saúde débil. Estas pessoas precisam de protecção especial, mas sem que os lares de idosos se transformem em prisões - não há um equilíbrio fácil de interesses na prática.

Devemos estar sempre conscientes de que agimos para prevenir o pior - incluindo, quando apropriado, a morte de pessoas como resultado de "danos colaterais", tais como suicídio, operações adiadas ou - em países do Sul - fome.

Temos uma responsabilidade para com os nossos filhos e para com as gerações futuras, a quem queremos poupar uma vida de opressão e repressão policial-estatal, com máscaras e terror psicológico permanente.

Mas esta actuação, fala e escrita não é isenta de riscos. Como todas as decisões cujas consequências não são indiferentes. Naturalmente, isto também se aplica às decisões do "lado oposto".

Uma mudança de política é necessária

Precisamos da substituição completa dos actuais líderes inaptos ou, pelo menos, de uma mudança abrangente de atitude neste "meio".

Precisamos de uma comissão de inquérito para esclarecer o que se tem estado a passar desde Fevereiro deste ano e para pedir contas aos envolvidos caso tenham agido contra a constituição e o bem-estar de milhões de pessoas.

Precisamos de uma nova política que tome decisões com base em números significativos e não manipulados, em vez de perturbar a população com números inflacionados baseados apenas em resultados de testes PCR positivos certos ou falsos.

Precisamos de um maior envolvimento da população em decisões sérias deste tipo. Queremos que nos façam mais perguntas, em vez de sermos apenas a disposição do paternalismo supostamente atencioso dos poderosos.

Precisamos de um debate amplo e ao mesmo tempo rápido sobre a política da Corona, aberto a resultados. Um maior envolvimento do Parlamento, como está agora a ser exigido em muitos quadrantes, é democraticamente apropriado, mas não suficiente. Afinal de contas, de que serve ter o governo

"controlado" apenas por um pessoal que seja mentalmente igual a ele na maioria dos aspectos? Outros grupos sociais e peritos independentes em todos os campos relevantes - por exemplo, não só virologistas, mas também psicólogos e enfermeiros geriátricos - devem ser envolvidos.

Precisamos de uma campanha maciça para reforçar a nossa saúde física e mental, de modo a tornar-nos mais resistentes a "agentes patogénicos" de todos os tipos. Em vez de odiar o vírus, precisamos de começar a melhorar o nosso sistema imunitário tanto quanto possível - bem como outros indicadores de saúde holística.

A energia que os políticos e os meios de comunicação social dedicam actualmente a um único objectivo - evitar o contacto entre um vírus e um ser humano - deve no futuro ser também canalizada para outros métodos eficazes de cuidados de saúde: Exercício, nutrição, relaxamento apropriado, incluindo relaxamento mental, medicina natural, "endurecimento" através de estímulos direccionados de calor/frio, suplementos alimentares adequados para fortalecer o sistema imunitário, melhorando as condições ecológicas e sociais para uma "boa vida".

"Lock out", claro, não poderemos evitar a morte mesmo com informações e medidas muito úteis. O corpo humano permanece vulnerável. Como é a sua alma. Assim como esta democracia, cuja vulnerabilidade pudemos sentir apenas nos últimos meses. O facto de esta estrutura estatal ser tudo menos perfeita, mesmo antes disso, poderia tentar muitos ao cinismo. O cinismo, que por sua vez poderia enfraquecer as forças de resistência contra os destruidores da democracia.

Permaneçamos apegados aos valores que reconhecemos como bons e correctos e que agora parecem estar em jogo. Permaneçamos também fiéis a eles na sua deformação e perversão por forças destrutivas.

Permaneçamos vigilantes quando as pessoas tentarem mal focar sobre a nossa humanidade.

Tomemos coragem. Vamos agir - agora!

Roland Rottenfußer, nascido em 1963, depois de estudar alemão, trabalhou como editor de livros e

jornalista para várias editoras. De 2001 a 2005 foi editor na ligação de revista espiritual, mais tarde para o "Zeitpunkt". Trabalha actualmente como editor, redactor de livros e escritor para a Goldmann Verlag. Desde 2006 é editor-chefe da Hinter den Schlagzeilen.

+++

Nota sobre o artigo: O presente texto apareceu pela primeira vez em "[Rubikon – Magazin für die kritische Masse](#)", em cujo conselho consultivo Daniele Ganser e Rainer Mausfeld estão activos, entre outros. Uma vez que a publicação foi feita sob uma licença gratuita (Creative Commons), KenFM assume este texto para uso secundário e assinala explicitamente que o Rubicon também depende de doações e necessita de apoio. Precisamos de muitos meios de comunicação alternativos!

+++

Obrigado ao autor pelo direito de publicar o artigo.

+++

Fonte da imagem: EugeneEdge / portadas

+++

KenFM esforça-se por um amplo espectro de opiniões. Os artigos de opinião e as contribuições dos convidados não têm de reflectir a opinião do pessoal editorial.

+++

Gosta do nosso programa? Informação sobre outras possibilidades de apoio aqui:

<https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora também nos pode apoiar com as Bitcoins.



BitCoin endereço: 18FpEnH1Dh83GXXGpRNqSoW5TL1z1PZgZK